

(IM)POSSÍVEIS LEGADOS DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

ALESSANDRA FERNANDES FELTES; LAFAIETE LUIZ DE OLIVEIRA JUNIOR; NORBERTO KUHN JÚNIOR; GUSTAVO ROESE SANFELICE.

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil

sanfeliceg@feevale.br

Projeto de pesquisa financiado pela FAPERGS

Introdução

A Copa do Mundo de Futebol em 2014 representa um grande evento esportivo programado para realizar-se no Brasil, pautando um tema antes pouco explorado nas pesquisas acadêmicas no Brasil: megaeventos. Esta palavra aparece múltiplas vezes “nos veículos de comunicação, nos discursos dos políticos, dos administradores e dos empresários, mas também do homem comum” (TAVARES, 2011, p. 11).

Os megaeventos esportivos são grandes eventos que envolvem ao seu redor um conjunto de pessoas e fatores, movimentando países, governos e suas economias, estimulando a população em geral (TAFFAREL; SANTOS JUNIOR; SILVA, 2013). Este fenômeno caracteriza-se como um dos acontecimentos mais significativos, relevantes e complexos da sociedade contemporânea. Seu destaque resulta em grande parte da cobertura midiática, “por sua capacidade de construir sentidos e significados no interior de cada cultura” (MEZZAROBA; PIRES, 2011, p. 338).

Portanto, é entendível o interesse da comunidade científica em realizar profundas reflexões, críticas e perspectivas dos chamados megaeventos esportivos (TAVARES, 2011), além de investigar às políticas públicas estabelecidas à adequação das necessidades estruturais para organização de tais eventos no território brasileiro” (DALONSO; LOURENÇO, 2011, p. 519).

Nesse contexto, este estudo realizou uma pesquisa bibliográfica no que diz respeito aos impactos dos Megaeventos esportivos e mais precisamente à Copa do Mundo. Para fundamentação teórica foram abordados os seguintes assuntos: o que são megaeventos esportivos, seus legados e contribuições para o país-sede, além de questões econômicas que retratam os possíveis “elefantes brancos”, demanda de verba, financiamento, projetos de reforma ou de construção, infraestrutura do entorno, licenciamentos ambientais e outros.

A partir destes aspectos, o objetivo do artigo é: apresentar subsídios teóricos acerca dos megaeventos esportivos baseados na Copa do Mundo FIFA/Brasil/2014. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica constituída de publicações em revistas e periódicos científicos especializados na área de estudo. A busca inicial se deu no site Portal CAPES, com as palavras chaves: Megaevento, encontrando 25 artigos, Legado – Megaevento, fornecendo somente 4 e por último Copa do Mundo, onde se fez uma coleta minuciosa dos 623 artigos encontrados e o livro “O Brasil na Copa, a Copa no Brasil” organizado por Giovani de Lorenzi Pires.

1 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E LEGADOS

O esporte se transformou em um grande investimento financeiro por suas particularidades e pela habilidade de atrair espectadores de todas as idades e condições sociais, tornando-se uma fonte interminável de notícias, de público e de lucro, oportunizando espaços cada vez maiores para os patrocinadores (MEZZAROBA; PIRES, 2011).

Um jogo da Copa do Mundo nos dias atuais é considerado uma mercadoria, pois se relaciona a um público degustador de futebol e que, direta ou indiretamente paga sustentando este espetáculo mundial (DAMO, 2011). Desta forma, a realização da Copa no Brasil permitirá

ao país alcançar ampla visibilidade mundial, já que eventos deste porte geram uma maior promoção de sua imagem no exterior (DALONSO; LOURENÇO, 2011).

Em resumo, megaeventos se identificam a partir da:

Grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL *apud* TAVARES, 2006, p. 17).

Conforme Mezzaroba, Messa e Pires (2011, p. 27) os megaeventos mobilizam diversos valores, sejam eles simbólicos, políticos, ideológicos ou econômicos “que se mesclam ao acontecimento esportivo em si, ampliando-o em suas significações para algo que extrapola em muito o campo esportivo, para instituir-se na pauta da dinâmica cultural mais ampla do país”.

Desta maneira, para que as instituições organizadoras dos eventos façam as suas exigências, o país sede deve ter “estabilidade econômica, consolidação da democracia e atenuação dos problemas sociais” (OLIVER, 2012, p. 3). Ao promover a Copa do Mundo de Futebol o governo brasileiro aproxima olhares globais que buscam assistir às competições e ver o que o país tem a expor. Ou seja, com esta exibição, a imagem que o Brasil consolidará, será a que ficará diante do mundo (OLIVER, 2012).

No entanto, visando que os megaeventos monopolizam e seguram a atenção do Estado em questões econômicas, estes não percebem os altos investimentos que poderiam ser utilizados em outros setores que afetam o funcionamento e a estrutura do país (BRACHT; ALMEIDA, 2013). Por mais que este compromisso assumido pelo país seja uma alavanca e estratégia de atração de investimentos internacionais, outras demandas perdem seu espaço, como, por exemplo, a saúde e educação (PORTO; CERON; ARAÚJO, 2012).

Segundo Mezzaroba, Messa e Pires (2011, 27) “um megaevento esportivo é muito mais um fato social e econômico, que impacta diferentes âmbitos da sociedade que o acolhe, do que um evento esportivo”. Este tem a capacidade de impulsionar e acelerar investimentos em áreas fundamentais que já deveriam ter acontecido (DOMINGUES; BETARELLI JUNIOR; MAGALHÃES; 2011).

Espera-se que com a realização da Copa haja uma melhora na infraestrutura do país com o intenso investimento privado em um contexto geral, com a atração do capital externo ao se relacionar com governos e empresas internacionais (OLIVER, 2012), associando os megaeventos esportivos aos legados deixados por ele.

Deste modo, os legados dos megaeventos “são oferecidos como elementos capazes de superar a fratura social existente nas cidades, mediante a justificativa do legado que passa a constituir a representação da cidade una e consensual” (BENEDICTO, 2008, p. 16), ou seja, são utilizadas pelos responsáveis como uma estratégia de marketing, sendo apresentado como algo positivo que trará benefícios visíveis e intangíveis para a cidade, ajudando a sobrepor-se a “crise” urbana para a população aprovar este contexto.

Comparativamente, a questão do legado possui bem menos importância no âmbito da FIFA. Esta relativa despreocupação da entidade dirigente do futebol mundial com um discurso de responsabilidade social de seu megaevento está provavelmente relacionado ao fato de que, ao contrário do Comitê Olímpico Internacional, a FIFA desenvolveu muito pouco um discurso a respeito de valores do esporte como uma missão a promover por meio do futebol. Nos parece que, para ela, a Copa do Mundo é apenas esporte competitivo e negócio. (TAVARES, 2011, p. 19).

Logo, o conceito de legados esportivos é difuso, diferenciando-se em heranças materiais e abstratas, em sonhos e realidades. Sua essência envolve desde as construções na melhoria da infraestrutura das cidades até os aprendizados e hábitos da população envolvida, isto é, essa ação provoca a “interseção entre Esporte, Política, Cultura e Mercado” (MEZZAROBA; MESSA; PIRES, 2011, p. 30; DANTAS JUNIOR, 2013).

Conforme Ribeiro (2008, p. 115), “o legado ideal é o que consegue ser positivo em todos os aspectos: esportivo, econômico, social e ambiental”. Desta forma, para um

planejamento pleno deveria encontrar-se presente à negociação entre o tangível (referente a toda estrutura do megaevento suscetível à análise econômica) e o intangível (efeitos que possam vir a repercutir), quando se aborda o legado de megaeventos esportivos.

Infelizmente uma vez assumida a sua realização, as organizações, no caso a FIFA, passa a induzir desde a aplicação de recursos orçamentários públicos a arquitetura urbana, educação, transporte e a segurança pública, envolvendo até a formação de crianças e jovens diante deste contexto, criando e desenvolvendo hábitos, costumes vinculados aos megaeventos (TAFFAREL; SANTOS JUNIOR; SILVA, 2013).

Desta forma se requer, além de vontade e verbas, estudos aprofundados para que as obras realizadas não ocasione nenhum dano para a população e nem ao meio ambiente, porém a maior dificuldade não está em respeitar estes objetivos, mas sim em onde captar recursos para a conservação das construções dos estádios após a efetivação do evento (PORTO; CERON; ARAÚJO, 2012).

Os mesmos autores afirmam que este não é exclusivamente uma questão do Brasil, exemplificam que em outros megaeventos ocorridos os legados deixados ao país foram prejuízos com a manutenção desses estádios. Como, por exemplo:

Copa da África em 2010 pode se ver bem qual foi o legado deixado pelo evento. Com um investimento aproximado de 8 bilhões, a África do Sul levantou cinco estádios e construiu a estrutura necessária para a realização dos jogos. No entanto, dois anos após o término da Copa a África do Sul contabiliza os prejuízos com a manutenção desses estádios. Só o custo de um deles é de aproximadamente R\$ 10,5 milhões por ano (PORTO; CERON; ARAÚJO, 2012, p. 443).

Segundo Barclay (2009), construir novos estádios até possa ocasionar no aumento da atividade econômica do país, podendo haver também a necessidade de alargar as despesas para o setor público tendo como resultado, na maioria das vezes, empréstimos do governo ou impostos mais altos para a sociedade. Logo, a maior apreensão da Copa de 2014 no Brasil é aos estádios que serão instalados, “principalmente em algumas sedes sem tradição no futebol, como Manaus, Cuiabá e Brasília, e que correm o risco de serem subutilizados após o evento, denominados como possíveis “elefantes-brancos” no pós-Copa 2014” (BRUGGEMANN; POFFO; SOUZA; et al; 2011, p.108)

1.1 Economia de Megaeventos Esportivos

Relacionado ao megaevento esportivo o viés econômico, é um dos mais importantes nos dias de hoje. É notável que o esporte em si, deixou de ser apenas um evento com fim técnico e tático, visto hoje como um grande negócio. Segundo Damo (2011) os espetáculos esportivos podem ser pensados como bens simbólicos convertidos em mercadorias e ainda definiu a Copa do Mundo como a mercadoria mais valiosa da FIFA.

De acordo com Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) os benefícios econômicos que os megaeventos podem trazer são o principal argumento utilizado para justificar o gasto público e esforço para se tornar sede de um evento tal como a Copa do Mundo FIFA. Porém a análise dos impactos econômicos para o país sede de um megaevento são muito relativos, envolvendo setores como infraestrutura, turismo, investimento privado, hotelaria e até mesmo os estádios.

Da mesma forma que este retorno pode ser negativo ao país, temos um grande exemplo de país sede, Barcelona dos Jogos Olímpicos de 1992, que teve grande parte de seu investimento em questões de infraestrutura urbana, deixando assim um resultado positivo para a cidade após o término do evento. De fato, em vez de realizar a clássica construção de um grande parque olímpico, Barcelona optou pela desconcentração, criando quatro parques menores, espalhados pela cidade. Dessa forma, evitou instalações superdimensionadas, condenadas à condição de “elefantes brancos” após o final dos Jogos (MASCARENHAS, 2008).

A Copa do Mundo ou outras competições nas quais a seleção nacional está envolvida tendem a suscitar o interesse de um público mais amplo do habitualmente interessado em jogos de futebol (DAMO, 2011). Segundo Gastaldo (2009) a Copa do Mundo é um fato social de enorme importância na cultura brasileira contemporânea, e cujo acesso está estreitamente vinculado a seu caráter mediatizado. Por exemplo, na Copa de 1998, no jogo entre Brasil x Marrocos, 96% dos telespectadores se sintonizaram para acompanhar o evento no país. Dados como esse mostram o quão vantajoso é para a FIFA trazer um megaevento esportivo para um país que consome futebol. Assim, o Estado se responsabiliza por questões que norteiam o campo de jogo, sem contar nas cifras milionárias que envolvem esses eventos, tais como a Copa do Mundo FIFA.

Autores como Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) através de diversos teóricos, tais como, Porter, Barclay, Noll e Zimbalist e Brenke e Wagner, expõe a realidade econômica de megaeventos esportivos. Relatam o alto custo investido pelo poder público para manutenção dessas construções, enfatizando o caso da Grécia que sediou, em 2004, os Jogos Olímpicos, os mesmos geraram um gasto atual de aproximadamente R\$ 202 milhões por ano em manutenção de infraestruturas, sem contar no não acontecimento do previsto “Boom” do PIB nacional, uma falsa esperança de todos os países-sede.

Assim, percebe-se que os grandes beneficiados financeiramente nesses casos são as entidades ligadas ao evento, tais como a FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) e o COI (Comitê Olímpico Internacional). Sem mencionar as desleais promessas, o falso crescimento empregatício, tendendo a ter um grande aumento no número de desempregados ao fim do evento.

Domingues, Betarelli Junior e Magalhães (2011) trazem uma realidade possível em megaeventos é o que aconteceu com a cidade de Sidney que sediou os Jogos Olímpicos de 2000. Em 2004, quatro anos após o Megaevento, o Estado teve de assumir todos os gastos para manutenção das construções, isso porque a empresa que administrava as instalações veio à falência, com isso o país oceânico desembolsa milhões anualmente, dos cofres públicos, para manutenção das construções feitas para os Jogos Olímpicos de Sidney.

As maiores críticas econômicas em relação aos megaeventos esportivos veem de dois fatores: um deles diz respeito a países em desenvolvimento, caso do Brasil, tendo a consciência de que grande parte, se não a maioria, do montante investido nesses eventos são oriundos do setor público, com um país em pleno desenvolvimento, esse valor investido em megaeventos é retirado de outras artérias vitais do desenvolvimento nacional, como saúde e educação, além disso, ainda tem o fator que indefere de país, que é a falta de planejamento para o ato, pós-megaevento, que por vezes geram casos de inutilização das infraestruturas, e com isso o aumento do custo de manutenção. (DOMINGUES, BATERELLI JUNIOR E MAGALHÃES, 2011).

Considerações Finais

Concluimos que há diversos exemplos espalhados pelo mundo deixados como legados nos megaeventos, porém, entendemos que legado nem sempre é quando acontece tudo certo, pois até um erro de planejamento pode se tornar um legado futuro, o legado de como não fazer. Existe a possibilidade dos “*elefantes brancos*”, que utilizam recursos públicos e até mesmo privados para se manterem conservados após o fim do evento, tornarem-se um legado negativo da Copa do mundo de 2014. Legados possíveis também são relacionados a infraestrutura urbana, um legado dito permanente, até mesmo a cultura do país pode sofrer alterações e com isso mais legados.

No campo esportivo o impacto pode vir a ser positivo também, uma reestruturação na maneira de ver o esporte pode nascer, similar ao que aconteceu nos Estados Unidos na década de 70 com o SuperBowl, porém ressaltamos que é um caminho mais longo a percorrer, por não depender apenas das novas arenas, demanda cultura esportiva voltada para a espetacularização do esporte.

Por fim, e talvez o mais importante, trata-se do aspecto econômico, a crítica no caso do Brasil se mostra de diversas maneiras, uma delas, o porque foi preciso que um Megaevento esportivo desembarcasse em terras tupiniquins para que investimentos em infraestrutura urbana começassem a ser feitos, e de forma mais densa e profunda, porque trazer um megaevento para nossas terras, quando na verdade, precisamos de investimentos nas áreas básicas da sociedade, deixem os Megaeventos Esportivos, para quando tivermos uma Megaestrutura Social.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, J. Predicting the costs and benefits of mega-sporting events: misjudgement of olympic proportions? *Economic Affairs*, v. 29, n. 2, p. 62-66, jun., 2009.

BRACHT, V. ALMEIDA, F. Q. **Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar.** Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 89, p. 131-143, jan./jun. 2013.

BENEDICTO, D. B. M. **Desafiando o coro dos contentes:** vozes dissonantes no processo de implementação dos Jogos Pan-Americanos, Rio 2007. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRUGGEMANN, A. L.; POFFO, B. N.; SOUZA, D. M.; *et al.* **Folha de São Paulo: um jornal a serviço (da copa) do Brasil.** In: PIRES, G. L. (Org.). O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 68-115.

DALONSO, Y. S; LOURENÇO, J. M. B. B. **O Brasil E A Copa Mundo Fifa 2014:** Um Olhar Além Dos Holofotes. *Brazil and The Fifa World Cup 2014: A Look Beyond The Spotlight. Book Of Proceedings Vol. I – International Conference On Tourism & Management Studies – Algarve 2011.*

DAMO, A. S. **Produção e consumo de megaeventos esportivos – apontamentos em perspectiva antropológica.** Comunicação, Mídia E Consumo. São Paulo: Ano 8, Vol. 8 N. 21 P. 67-92 Mar. 2011.

DANTAS JUNIOR. H. S. **Espetacularização da escola:** a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos. Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 89, p. 33-44, jan./jun. 2013.

DOMINGUES, E. P; MAGALHÃES, A; BETARELLI JUNIOR, A. **Quanto Vale o Show? Impactos Econômicos dos Investimentos da Copa do Mundo 2014 no Brasil.** Estudos Econômicos, São Paulo, Vol. 41, n. 2, p. 409-439, 2011.

GASTALDO, E. **“O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil.** Sociologias, Porto Alegre, Ano 11, n. 22, p. 352-369, 2009.

HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). *Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement s2, December 2006. p. 59-70.*

MASCARENHAS, G. Barcelona – 1992: um Modelo em Questão. In: **Legados de Megaeventos Esportivos**. Editores: Lamartine DaCosta, Dirce Corrêa, Elaine Rizzuti, Bernardo Villano e Ana Miragaya. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

MEZZARROBA, C.; PIRES, G. L. **OS JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007 E O AGENDAMENTO MIDIÁTICO-ESPORTIVO: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO COM ESCOLARES**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 337-355, abr./jun. 2011.

_____; MESSA, F.; PIRES, G. L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, G. L. (Org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 21-45.

OLIVER, I. **Megaeventos esportivos e relações internacionais como estratégia de atração turística**. Observatório de Inovação do Turismo - Revista Acadêmica. Vol. VII, nº1, Rio de Janeiro, ABR. 2012.

PORTO, L. P.; CERON, L. F.; ARAÚJO, L. E. B. **BRASIL. COPA DO MUNDO 2014: ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS, ECONÔMICOS E SOCIAIS**. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revistadireito/article/view/8346>>. Acesso em: 28 agosto 2013.

RIBEIRO, F. T. **Legado de megaeventos esportivos sustentáveis: a importância das instalações esportivas**. In: DACOSTA, L. P. et al. Legado de megaeventos esportivos. Brasília: Ministério do Esporte e Turismo, 2008. p. 107-116.

TAFFAREL, C. N. Z.; SANTOS JUNIOR, C. L.; SILVA, W. A. **Megaeventos esportivos: determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de Educação Física**. Em Aberto, Brasília, v. 26, n. 89, p. 57-66, jan./jun. 2013.

TAVARES, O. **Megaeventos Esportivos**. Movimento, vol. 17, núm. 3, julho-setembro, 2011, pp. 11-35, Escola de Educação Física – Brasil.

Rua Alfredo Juchem, 37, Bairro Floresta, Estância Velha, RS.

alessandrafeltres@gmail.com